

RODOLFO SALLES

ABSOLUTOS

SINFONIA DA DESTRUIÇÃO

VOLUME 1



ABSOLUTOS

SINFONIA DA DESTRUIÇÃO



Absolutos - Sinfonia da Destruição

Copyright © 2015 - 2018 Rodolfo Salles

Todos os direitos reservados.

Créditos:

Capa

Vinicius Cardoso, Renato Giacomini e Edley Luis

Artes de miolo:

Edvan Soares

Elementos e diagramação:

Rodolfo Salles

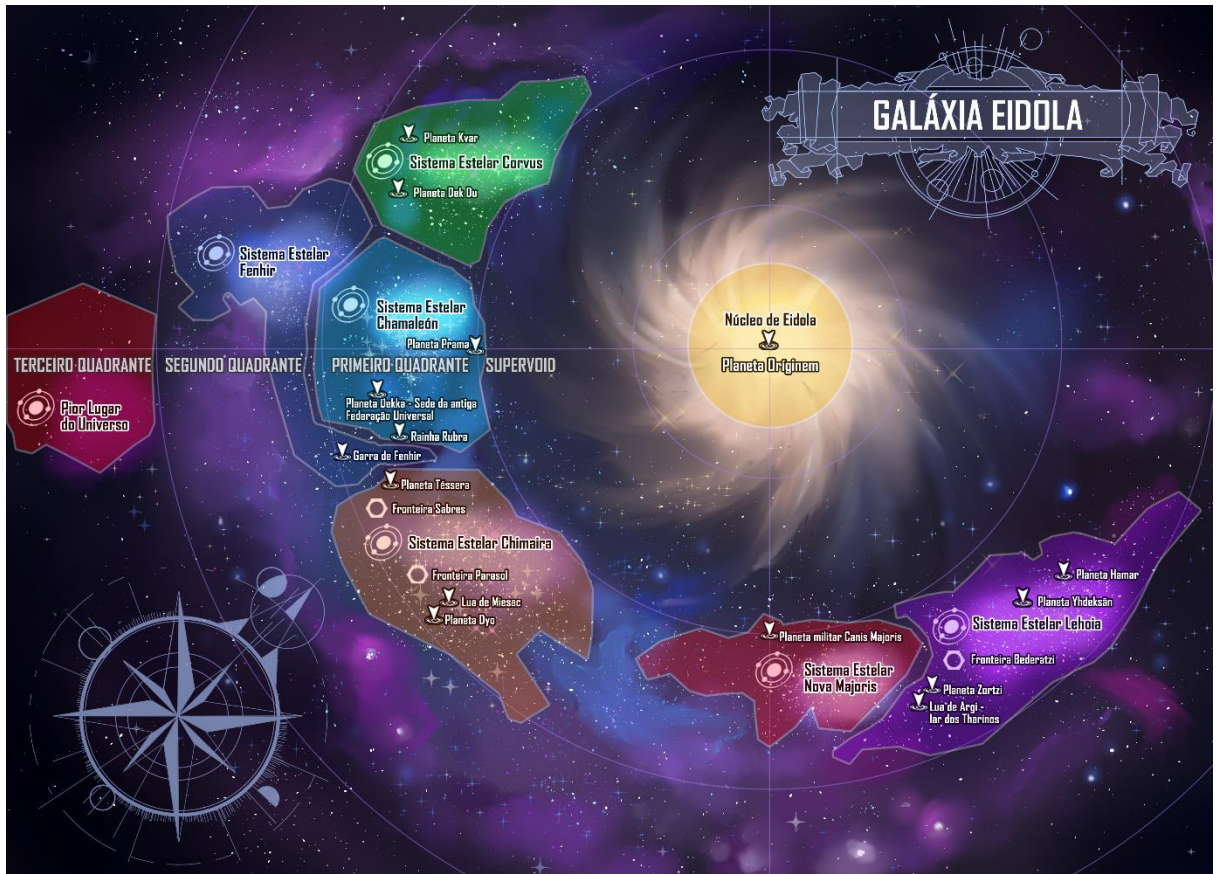
Leitura crítica e preparação de originais

Clara Madrigano, Gabriel Tennyson.

Revisão:

Jean Gabriel Álamo e Ian M. M. Duarte

Mapa da Galáxia de Eidola



História para dormir

Enquanto o mundo acabava do lado de fora, os olhos de Érico brilhavam de fascínio diante das histórias contadas pela irmã. Ela sabia como confortá-lo apesar das explosões que sacudiam aquele útero de concreto. Luzes avermelhadas das explosões tingiam as paredes com tons ameaçadores. O garoto passava a maior parte de seu tempo imaginando as viagens espaciais que faria quando crescesse, adorava aquelas histórias sobre heróis desbravadores do Universo em busca das mais poderosas Relíquias.

— Antes de o Universo existir, Érico, tinha um monte de entidades gigantescas pairando pelo vazio. Elas eram muito, mas muito poderosas. Em um piscar de olhos, criavam e destruíam Universos inteiros! — A moça lia o livro de contos com uma voz sinistra. Ela passou a mão sobre seu cabelo curto raspado dos lados e com um pequeno topete bem desenhado no topo. As roupas de malha grossa, mesmo surradas, davam a ela a seriedade e respeito de sua patente militar. — Esses seres lutavam o tempo todo entre si.

— Mas por que eles lutavam assim, Daina? — Érico perguntou numa voz aguda.

— Ah, essas entidades não se gostavam de jeito nenhum, elas competiam muito por territórios imensos onde ficavam, um montão de vezes maior do que esse Universo. Então, naqueles primórdios, quando nada era como é agora, esses seres chamados de Pré-Estelares resolveram disputar diretamente aquele lugar. E foi aí que batalharam. Uma batalha indescritível.

Ela parou de ler ao sentir o chão estremecer. Para o garoto de três anos, os brilhos rubros nas paredes não deviam passar de fogos de artifício, como aqueles que celebravam as grandes festas. A moça se sentiu aliviada por ele não compreender o que acontecia em Prama naquele dia.

— E aí, o que aconteceu, o que aconteceu? — perguntou o menino, tomado pela curiosidade enquanto segurava com força o cobertor amarelo ao qual vivia grudado, sempre admirando a costura de sua super-heroína favorita: a cadela astronauta Laika, combatente das forças malignas do Universo.

— Bom, com a destruição dos Pré-Estelares, surgiram as estrelas como você conhece. E todos os planetas. Enfim, tudo o que existe.

— A Terra também? — Os olhinhos de Érico brilharam ainda mais fascinados. Foi o suficiente para arrancar um sorriso do rosto duro de Daina.

— A Terra também — repetiu ela, espetando os cabelos do irmão com um afago pesado, sua mão coberta pela luva militar. — Um dia, você vai caçar todos os tesouros do Universo e também verá a Terra. Vai valer a pena.

— O pai e a mãe estão lá, né?

— Sim, estão. — Daina se levantou ao lado da cama de Érico e o fitou por um longo tempo. Provavelmente, aquela era a última vez que ela o veria.

Daina passou a mão nas tatuagens desenhadas por todo o corpo do irmão, lamentando-se mentalmente por não ter tido tempo de descobrir seu significado.

— Um dia, você vai chegar lá, irmãozinho. — Ela deu um sorriso firme, ajeitou uma lona vermelha com amarras grossas ao lado da cama de Érico e voltou a olhar para ele. — Faça um bom voo.

A militar deu as costas ao garoto e fechou a porta pesada atrás de si. No mesmo instante, um alarme começou a soar. Daina acionou um botão vermelho e um gás tomou a câmara do irmão. Ela observou pelo vidro redondo seu corpinho perder as forças e mergulhar em um sono profundo.

Do lado de fora, havia um corredor interminável de câmaras como a de Érico. Em cada uma delas, famílias inteiras dormiam. Fazia parte do protocolo de escape que as pessoas fossem colocadas para dormir.

Com passos firmes, Daina abandonou toda a postura carinhosa e retomou seu papel de major das Forças de Galatáris, maior organização militar do Universo Conhecido. O brasão com nove espadas representando as nove espécies do Primeiro Quadrante reluziu em seu peito estufado. Ao entrar na Sala de Comandos da Base de Fuga, encontrou-se com sua equipe, cerca de dez soldados com a missão de lançar o maior número de famílias para fora do planeta antes deste ser destruído por completo.

Daina vislumbrou pelo vidro a catástrofe tomando tudo: naves gigantescas pairavam pelos céus turbulentos de Prama. Tinham um aspecto macabro, com formas repulsivas pulsando como órgãos de seres vivos. Provavelmente pertenciam a uma tecnologia desconhecida, atacando com artilharia pesada em forma de laser e bombas que liberavam fumaças escuras.

— Quanto tempo até o lançamento, senhores? Preciso de números — questionou ela, a voz ecoando por toda a Sala de Comandos. Os mais desavisados estremeceram.

— Cinquenta segundos, major! — gritou um dos operadores, metade de seu corpo substituído por metal de aspecto esquelético, enquanto bebia um suco de maracujá com um canudo grosso para acalmar os nervos. Ele vestiu seus óculos de sol para admirar a

vista ardente das chamas. — Cinquenta segundos pra gente se ver de novo, querida — sussurrou, acariciando o porta-retratos em sua mesa.

— Não temos cinquenta segundos! Tudo que restou da minha família está toda naquelas câmaras! Quero mais rápido! — esbravejou a major, pensando no irmão caído em sono profundo e nos pais, em como um dia quis orgulhá-los, e em seu túmulo na Terra. Ela tinha esperança de um dia poder levar Érico até eles.

Então, Daina se lembrou do irmão do meio. Seus olhos se encheram de fúria, ela mordeu o canto dos lábios e um filete de sangue escorreu.

Uma explosão interrompeu seus pensamentos. Ao voltar-se para os vidros com visão para fora, ela enxergou o Quartel General de Defesa Estelar se transformar em um inferno caótico, com naves em chamas caindo, pessoas tentando fugir e explosões para todos os lados.

A contagem regressiva finalmente chegou ao fim. As cápsulas começaram a ser lançadas por foguetes propulsores de alcance extra-atmosférico. Eram içados simultaneamente, criando um rastro de chamas ascendentes no horizonte. Quando a última cápsula varou os céus, Daina respirou aliviada.

Seu irmão estava a salvo.

— Senhores, é um grande prazer lutar ao seu lado. Como sabem, as leis de Galatáris não permitem abandonarmos nosso mundo sob ataque. Cabe a nós lutarmos até o fim por ele. — Daina empunhou uma espada dourada, reluzente como uma chama. Dessa vez, ela perdoaria a fraqueza dos soldados presentes. Eles estavam em sua maioria aos prantos por acabarem de lançar suas famílias para o espaço. — Hoje, cairemos com honra! A honra de Galatáris e do nosso mundo, Prama!

Um urro de guerra acompanhou a fala decidida da major, convidando-os para sua batalha final.

Cento e oitenta horas depois, Prama pereceu em chamas e destruição.

Parte 1. Dançarinos do Destino



1. Tatuagens

Érico olhou para dentro do abismo e sentiu um calafrio se espalhar pela espinha. Ouvir em seu *display* a versão instrumental de *Everybody Wants to Rule the World* — canção de seu planeta natal que sobreviveu aos séculos — deixou o momento mais dramático do que parecia. Um infinito de escuridão se estendia à frente, dentro do qual qualquer pessoa se perderia.

Do outro lado do abismo, Naves Transitórias pousavam e decolavam da Estação de Abastecimento Estelar, o lugar mais parecido com uma civilização avançada que se podia encontrar na lua de Miesac. Ele nunca tinha visto o local daquele ângulo elevado. Com o olho digital ativado pelo comando do ID, fez um rápido escaneamento da plataforma de embarque, deu um *zoom* enorme e conseguiu enxergar pais chamando a atenção dos filhos que brincavam longe das mãos preocupadas.

Famílias.

Balançou a cabeça, tentando afastar aqueles pensamentos. Hora errada para remoer isso.

— Será que eu vim pro lugar certo? — perguntou-se, acionando as coordenadas pelo teclado digital do braço. Estava correto, sem dúvidas.

Ainda que fosse mais seguro marcar um encontro com um hacker em local isolado para não correr risco de ter sua casa hackeada, Érico não parava de pensar nos riscos: e se o contato fosse um criminoso e tentasse invadir seu ID?

Ele ergueu os olhos para o céu e suspirou fundo a fim de acalmar a paranoia. Contemplou as duas luas que pairavam no céu de Miesac. Não demoraria muito para o primeiro ciclo eclíptico diário acabar. Será que seria deixado no vácuo?

Um retângulo virtual se formou a alguns metros dele, transformando-se em uma porta azulada. Com um pequeno sorriso aliviado, ele se aproximou dela. Qualquer pessoa desacostumada ao mundo dos hackers acharia estranho uma porta em pé no meio do nada, mas ele já esperava por uma dessas. Fazia parte do procedimento normal um *contato quente* exigindo um teste mínimo antes da entrega do pacote.

Ativou seu scanner com os olhos digitais, observando códigos tomarem toda a porta.

— Uma ômicron? Isso vai ser fácil. — Sorriu, ativando o programa de corrupção de senha. Diversos símbolos apareceram na maçaneta e se transformaram em números. Quebrou-se a primeira barreira.

Em seguida, Érico rodou três *apps* de decriptação para violar as *firewalls* extras. Finalmente a verdadeira maçaneta se revelou. Com o *software* de chave mestra, ele conseguiu abrir suas travas. Toda a ação não durou mais de trinta segundos. Além do que ele gostaria, considerando que estava no meio de um teste.

Ao passar para dentro da porta, Érico enxergou a Realidade Aumentada — espaço virtual tátil dentro do qual se podia acessar gravações de memórias, holofilmes interativos e transmissões com pessoas de outros lugares. Aquele se tratava do terceiro caso: o hacker estava em uma espécie de caverna, sabe-se lá quantas centenas de anos-luz da lua de Miesac. Ou, vai ver, era um habitante das luas acima de sua cabeça. Ele nunca saberia.

— Achei que não ia conseguir abrir a porta, *brow*. Ainda coloquei uma ômicron pela facilidade — falou o hacker, com um filtro de proteção camuflando seu rosto. Érico se lembrou que não estava com o próprio filtro e o ativou. — Meio tarde pra isso, já vi sua cara agora.

— Certo... — disse Érico, sentindo o rosto esquentar. — Então, trouxe?

— Quanta pressa. Trouxe sim, *brow* — respondeu o hacker, desencostando da parede da caverna e caminhando até ele. A Realidade Aumentada apresentava tamanha precisão, que Érico sentiu as correntes de ar úmidas passarem pelo corpo. — Direto ao ponto. Gosto disso.

O hacker estendeu o braço e tocou no de Érico. Ainda que fosse o braço de uma pessoa virtual, ele o sentiu. Os pelos do próprio braço deram uma leve arrepiada com o contato e seu ID brilhou. Ele tinha recebido o pacote.

— Aê, são essas as tatoos? Maneiras — disse o hacker, observando-o com curiosidade.

Érico confirmou com a cabeça e olhou para as tatuagens que enfeitavam o lado direito de seu corpo da cabeça aos pés: formas semicirculares interligadas umas às outras espalhavam-se como ramos negros. Dentro dos círculos maiores, nasciam menores, como uma linguagem misteriosa esperando para ser decifrada.

— E você nasceu mesmo com elas? Na real?

— Não sei. Mas eu não me lembro de ter feito nenhuma delas. Então, se não nasci com elas, alguém me tatuou quando eu era bem pequeno.

— Sinistro! — O homem sem face afastou um passo. — É isso ae, *brow*. Olhei seus hackeamentos de Protocolo Azul. Foram bem precisos e limpos. A Irmandade ficou impressionada e deu aval pra te contatar. Espero que encontre o que tá procurando com essa *info*. É quente, ela.

— Também espero, cara — disse Érico sem disfarçar o entusiasmo, fitando o brilho do ID acoplado ao braço esquerdo. Mal podia esperar para acessar. — Valeu mesmo, Neo Tyson.

— Às ordens, *brow*. Mas fica esperto, deleta essa parada depois que usar. A Decifradora não gosta de visitantes randômicos nos territórios dela. Ela só atende os hackers da Irmandade.

— Fica tranquilo. Comigo, essa belezinha tá segura a sete chaves — prometeu Érico.

— Junto com a *info*, vai ter um *link*. Só abre a parada quando encontrar a porta da Decifradora — instruiu o rapaz, parecendo ponderar as próximas palavras. — Eu não quero te empolgar muito com informação vaga, mas, pelo meu conhecimento, a Irmandade só passa esse tipo de *info* pra pessoas que ela está visando muito recrutar. Possivelmente, eles te querem como membro. Então, não vacila.

Érico tentou conter a empolgação: conseguir chamar a atenção da Irmandade a ponto de eles considerarem recrutá-lo era um feito e tanto!

Sem se despedir, o hacker desconhecido desapareceu junto com sua Realidade Aumentada. O cheiro de umidade da caverna também esvaneceu, tal como as correntes de ar que sopravam em seu interior. Érico voltou a ter apenas o abismo como companhia. A movimentação de embarques e desembarques continuava sem cessar do outro lado.

Desativou o olho digital e piscou para descansá-lo. A noite eclipsada de Miesac se aproximava com suas garras gélidas, o que o obrigou a puxar a touca da camisa sob a jaqueta vermelha e cobrir os cabelos finos como agulhas.

Sua próxima parada ficava em um lugar ainda mais frio.



O bosque parecia ter saltado de um holofilm de terror, repleto de árvores retorcidas e secas. Criaturas noturnas se esgueiravam de um lado para o outro e uma névoa insistente forrava alguns palmos à frente de seu campo de visão.

Érico não precisou de mapas para chegar ao destino. Não demorou para avistar o lago dourado no qual a Câmara jazia, metade submersa.

Seu formato cilíndrico lembrava uma pílula, mas com uma porta pesada de acesso cercada pelo musgo avermelhado que insistia em invadir. Sempre que visitava o lugar, ele se certificava de arrancá-lo para impedir sua expansão.

Érico se deitou no banco da câmara, estendeu o braço esquerdo à frente do corpo e o desenho de uma tela brilhou nas costas de seu braço. O ID, tecnologia ligada ao cérebro humano e espalhada por todo o corpo, dava a ele capacidades virtuais mesmo no mundo real, como se não houvesse diferenciação. Acessou a *info* entregue pelo hacker, que revelou uma montanha com uma fortaleza esculpida projetada diante dele em formato de maquete virtual. Com o movimento das mãos, Érico girou o modelo e explorou suas nuances. Informações sobre o local pipocaram para todos os lados, mas ele as ignorou por enquanto. Estava mais interessado em saber sua localização.

— Não tá nem perto, nem longe — concluiu, com uma rápida análise do mapa, mostrando a rota de onde ele estava até a fortaleza.

A informação era realmente boa. Se desse certo, ele logo encontraria a Decifradora, e, quem sabe, não conseguiria resolver o mistério que permeava sua vida desde a infância: o que significavam aquelas tatuagens, quem as tinha colocado nele e por quê? Com tais respostas, ele poderia enfim seguir em frente.

Érico guardou a *info* e acessou seu espaço virtual. Teclados semicirculares se formaram ao redor, transformando seu campo de visão em um *desktop*. Dentro do espaço, tudo se movia mais rápido, como se o cérebro fosse um processador potente. O tempo à sua volta parecia mais devagar, cada movimento de seus olhos cuidava de um comando.

A Caixa Mensageira estava cheia de novas propagandas de viagens e datas de passagens das Naves Transitórias por Miesac. Arrastou-as para a pasta “metas futuras” com um aperto no peito. As passagens para fora de Miesac não custavam menos de duzentos mil *orbit coins*, moeda virtual armazenada nos IDs. Ao longo de sua vida, o máximo que ele conseguira juntar foram duas mil *orbits*.

— Nota mental #010 — disse ele, gravando o áudio de sua própria voz com um comando do ID. — Um dia, terei *orbit coins* o suficiente para sair de Miesac!

Desligou a gravação e complementou.

— Mas, pelo visto, vai demorar muito ainda — suspirou.

Sem saber ao certo o porquê, sua irmã invadiu seus pensamentos. Ela o enviou para longe de Prama quando ele tinha somente três anos. Por isso, ele não se lembrava de nada

sobre ela, nem mesmo seu nome ou rosto. Ter laços sanguíneos com alguém de quem nem se recordava lhe causava uma sensação perturbadora. Será que ela estava viva? Suas buscas por ela na rede foram todas frustradas. Nem mesmo hackers parceiros foram capazes de ajudar. Segundo Miro, uma pessoa sem ID praticamente não existia mais no mundo real.

Estaria ele sozinho no Universo?

Érico desligou o espaço virtual e retirou do bolso de sua jaqueta o Manual de Caçadores de Relíquias. Sempre sentia estranhamento ao segurar o livro impresso. Aquele material já tinha caído em desuso há muitos séculos, mas perdurava entre os costumes dos aventureiros. O manual continha tudo que ele precisava para se tornar um dos maiores caçadores do vasto Universo. Desde pequeno, nutria o sonho de ser um deles, inspirado pelos livros de caça ao tesouro da cadela Laika. Mas ele compartilhava esse sonho com quase todos os jovens de sua idade.

Poucos conseguiam cumprir a tarefa árdua.

Seus pensamentos foram interrompidos pelo barulho de uma pedra batendo contra o vidro da câmara, quase arrancando sua alma com o susto. Num impulso, ele se levantou, revirando os olhos ao ver os irmãos adotivos do lado de fora. Os gêmeos eram os únicos a conhecê-lo tão bem para saberem sobre suas escapadas para aquele local.

— Érico, você perdeu o jantar de novo! Desce aí, eu te trouxe uma vitamina deliciosa — disse Vexel, correndo sem sair do lugar, a fim de se exercitar; os cabelos pretos, encaracolados e volumosos, moviam-se no mesmo ritmo das pernas.

— Mais uma das suas gororobas? — Érico respondeu enquanto abria a escotilha da câmara, lembrando as vezes que Vexel o usou como cobaia para experimentar suas receitas *fitness* malucas.

— Gente, o virtual daqui tá bem zoadado — disse Miro, ajeitando os óculos finos no rosto. Empacotado com quase todas as blusas do guarda-roupas, Miro nem parecia gêmeo de Vexel, tamanho o contraste de seus portes físicos: de um lado, uma maratonista profissional de físico atlético, enquanto o outro não passava de um magrelo. A única semelhança entre eles era a pele negra. — Anda logo, gigante.

Érico bufou. O apelido sempre o fazia se lembrar de sua baixa estatura — um metro e sessenta — e de como Miro, com seus quase um e oitenta de altura, adorava caçoar dele com suas ironias.

— Você ainda tá com esse negócio ligado, Miro? Desliga isso um pouco! — repreendeu Vexel.

— Tá doida, é? Preciso gravar um holovídeo ainda hoje — avisou Miro, sempre conectado a seu espaço virtual e contando com seus quase um milhão de seguidores. O jovem ganhava a vida com suas holotransmissões que retratavam seu cotidiano morando em uma lua pequena.

Sem opção, Érico desceu da câmara. Os irmãos nunca o deixavam em paz, sempre o tirando de sua privacidade, mesmo ele sendo um marmanjo de dezenove anos.

Embora as árvores fluorescentes — acesas com a chegada do segundo ciclo noturno — iluminassem o caminho de volta, era difícil se orientar pelo bosque à noite, o que os obrigou a caminhar com cautela.

Miro arregalou os olhos, como se tivesse sido despido repentinamente.

— Perdi a conexão... maldito bosque.

Por mais que fosse um aprendiz de hacker e passasse muito tempo conectado, Érico não chegava aos pés do vício do irmão, que parecia funcionar em uma frequência diferente do tempo físico, já que vivia imerso em seu espaço virtual. Devia ser uma tortura perder essa conexão e voltar ao fluxo real.

Deixaram o bosque alguns minutos depois, dando para a estrada das rochas, enquanto Érico ensaiava as próximas palavras com cuidado. Já sabia a batalha que estava prestes a encarar.

— Voxel, vou aproveitar o fim dessa quinzena pra fazer uma pequena viagem. Não precisa se preocupar, vai ser super rápida.

— Viagem? Viajar pra onde, tá maluco? — perguntou a irmã.

— Opa, por um acaso deu certo aquele esquema? — revidou Miro, quase sem pensar. Imediatamente, fechou a boca, tarde demais para perceber a burrada.

— Esquema? Pera, o que vocês dois estão me escondendo? Pode desembuchar. Se não, não vai ter viagem nenhuma, nem esquema nenhum!

Sem opção, Érico contou a ela sobre suas constantes investigações com relação às tatuagens e da ajuda que recebeu da Irmandade Hacker até chegar numa Decifradora.

— Que negócio é esse de Decifradora? — perguntou Voxel, com seu costumeiro olhar desconfiado.

— Elas são uma espécie de ordem secreta que se divide em várias castas. Eu pesquisei que a primeira delas se dedica à leitura do futuro, essas são muito procuradas pra leitura de sorte e do Destino. Ganham fortunas daqueles que têm grana. Afinal, quem não quer ser guiado por um caminho mais “afortunado”, né? — explicou Érico o mais rápido que conseguiu para que Voxel não o interrompesse. — Mas é a segunda que mais

me interessa, pois são muito, muito raras e foi bem difícil encontrar uma dessas. Pra você ter uma ideia, só uma a cada cem Decifradoras é dessa casta chamada de Historiadoras. Elas se escondem nos pontos mais isolados do Universo e dedicam seu tempo a armazenar todo o conhecimento possível. Também são responsáveis por registrar a História do Universo todinha.

— Érico, eu entendo toda a sua empolgação, eu também morro de curiosidade pra saber o que são essas suas tatuagens, mas você não vai pra um lugar sozinho encontrar uma criatura desconhecida dessas. É muito perigoso isso.

— Eu posso ir com ele, oras. — voluntariou-se Miro.

— Ele corre mais riscos com você e a sua desorientação do mundo real do que sozinho — cuspiu a irmã alguns minutos mais velha do que ele. — A única forma de você viajar pra esse lugar vai ser comigo junto. Eu sou uma campista experiente.

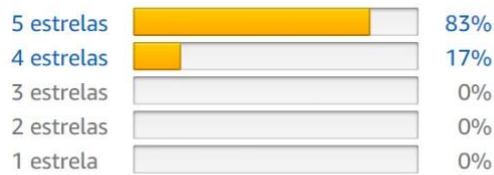
— Ah, Vexel... — tentou Érico, mas recebeu apenas um gesto da irmã, seu dedo indicador sobre seus lábios e os olhos arregalados, usado sempre que ela queria terminar uma discussão.

— Bom... — suspirou Miro. — Então acho que vamos viajar em família amanhã.

Avaliação de clientes

★★★★★ 4,8 de 5

47 classificações de cliente



▼ [Como a Amazon calcula a avaliação de clientes?](#)

Avaliação dos clientes até 05/05/2020

Algumas opiniões sobre a obra:

“Em meio a referências, nostalgias e associações, Absolutos – Sinfonia da Destruição consegue se destacar por ser original valendo-se de elementos já consagrados. Rodolfo Salles reúne o melhor da fantasia e da ficção científica para criar, nas suas próprias palavras, uma Ficção Fantástica que agrega – e muito – na Literatura Nacional como um todo.”

Mozer dias – Leituraverso

“O que mais chama a atenção é a capacidade demonstrada pelo autor em criar mundos bem ambientados, com os mais diversos tipos de personagens e uma mitologia crível e bem amarrada.”

Jeff. Rodrigues – Leitor Compulsivo

“Absolutos faz algo que muitas sci-fi não conseguem que é ter uma narrativa sempre coesa e sem furos, tudo se explica e ainda tem um plot twist digno de M. Night Shyamalan, e isso serviu com ótimo gancho para o próximo livro.”

CT dos Livros

“O casting diversificado, com personagens carismáticos e características únicas, te proporciona um enredo intrigante, [...] entregando pistas e construção de mundo de maneira bastante balanceada, sem apelar para elementos muito malucos, mas, ao mesmo tempo, sem ficar preso a clichês: um perfeito equilíbrio.”

Cliente Amazon

Gostou até aqui?

Adquira seu livro através do link:

<https://amzn.to/2LZYz4O>

Não esqueça de avaliar na Amazon após a leitura.

Ajude o autor a crescer.